

J. Chrys Chrystello

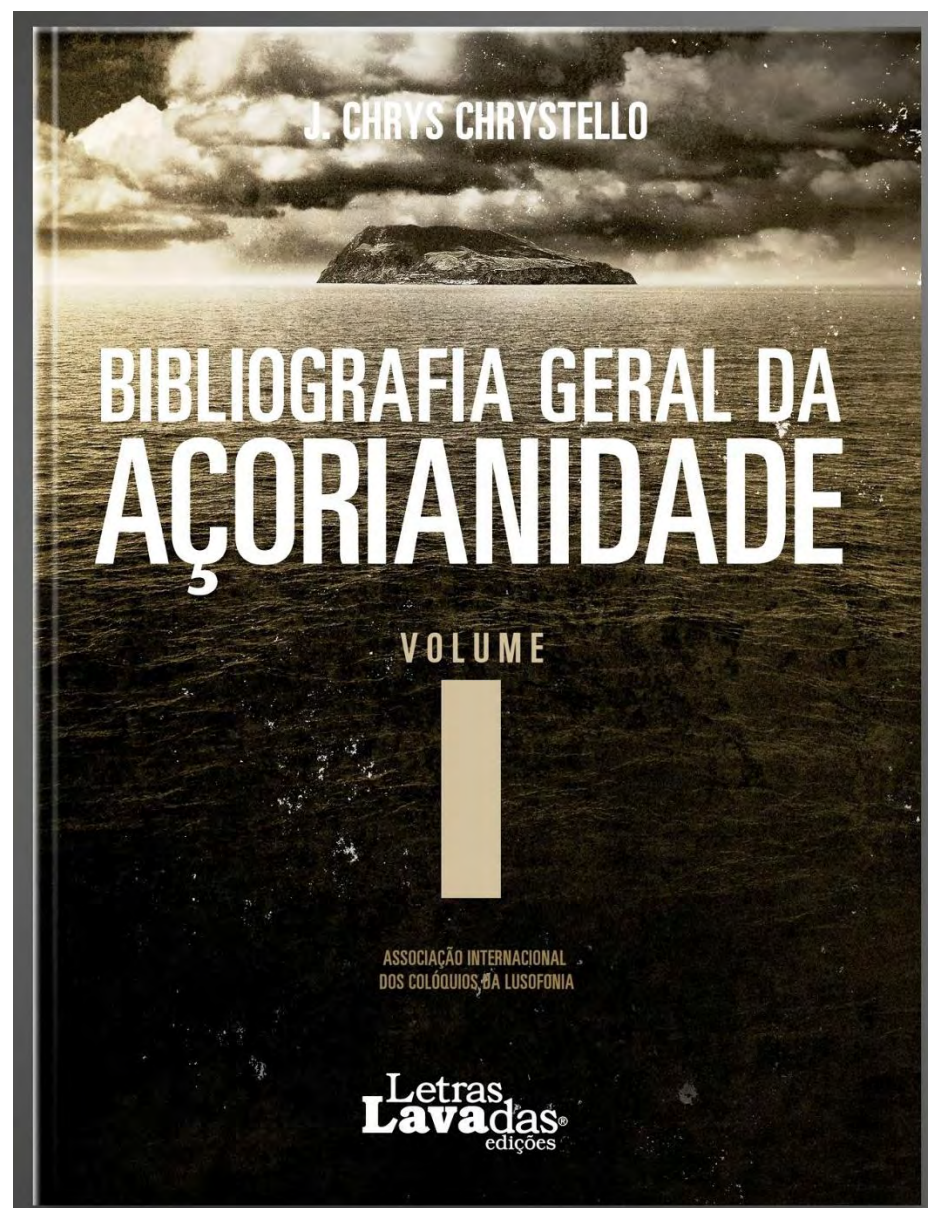
**CADERNOS DE ESTUDOS
AÇORIANOS E SUPLEMENTOS
DOS CADERNOS**

**BIBLIOGRAFIA GERAL DA
AÇORIANIDADE**

**ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS
COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**



APOIO:





J. Chrys Chrystello

**CADERNOS DE ESTUDOS
AÇORIANOS E SUPLEMENTOS
DOS CADERNOS**

**BIBLIOGRAFIA GERAL DA
AÇORIANIDADE**

**ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS
COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**

2



1. MAPAS CÉLEBRES



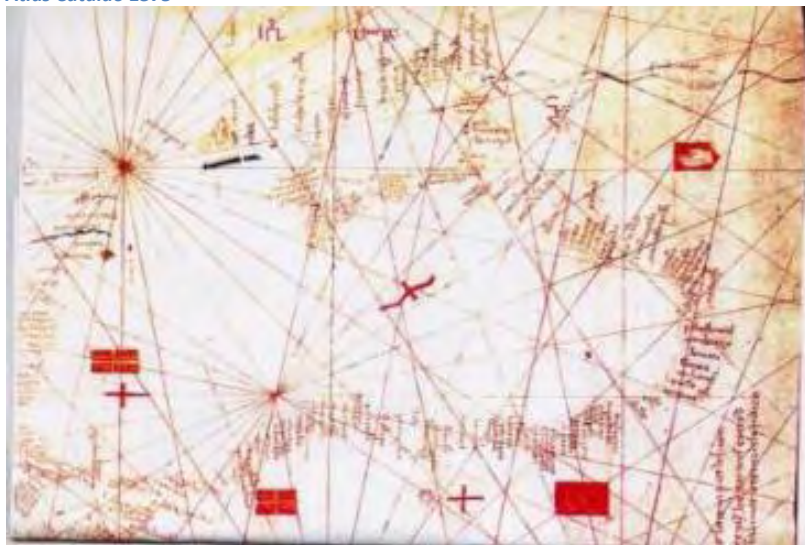
Portulano de Angelino Dulcert. 1338. Atlantique Est. de la mer Méditerranée, de la mer Noire et de la mer Rouge]. Hoc opus fecit angelino dulcert MCCCXXXVIII de mense augusti [in civitate] maioricharum



Portulano Mediceo Laurenziano (ou Laurenziano Gaddiano) 1351 assinala a "Insulae de Cabrera" ilhas de Santa Maria e de São Miguel, "Insulae Brasi" Terceira, "Insulae Ventura Sive Columbus" ilhas do Faial, Pico e São Jorge, e "Insulae Corvis Marinis" ilhas das Flores e Corvo



Atlas Catalão 1375



Portulano de Gulermo Soleri 1385



Atlas Corbitis circa 1384



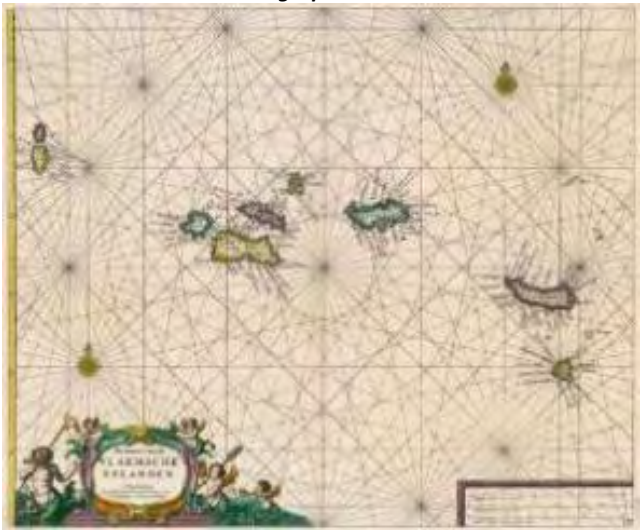
Portulano de Gabriel Vallseca. 1439



Origem: Itália, Arquipélago de Açores 1584



Mapa dos Açores ("Insulae Tercerae alias Açores"). Gravura a cobre colorida à mão da obra Geographiae Universalis de Pierre Du Val (1500-1558).



Mapa dos Açores, Pas Caart van de Vlaemsche Eylanden Doncker H. 1686



Nieuwe Pascaert van Alle de Vlaemse Eylanden ...-Van Keulen Johannes, 1697-1709



Carta particolare dell'Isole d'Asores con l'Isola di Madera, di Affrica Carta II. Dudley, Sir Robert, 1646-47. First edition. RARE



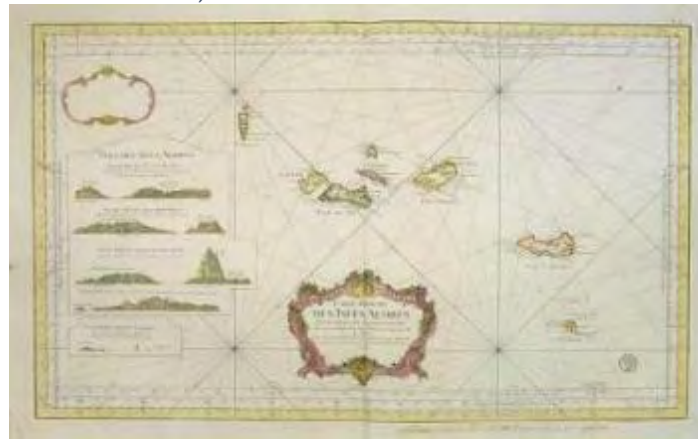
Mapa de Abraham Ortelius 1584 e de Luís Teixeira 1584 (P.M.C vol. III est. 362 A) reproduzida da obra *Os Descobrimentos Portugueses*



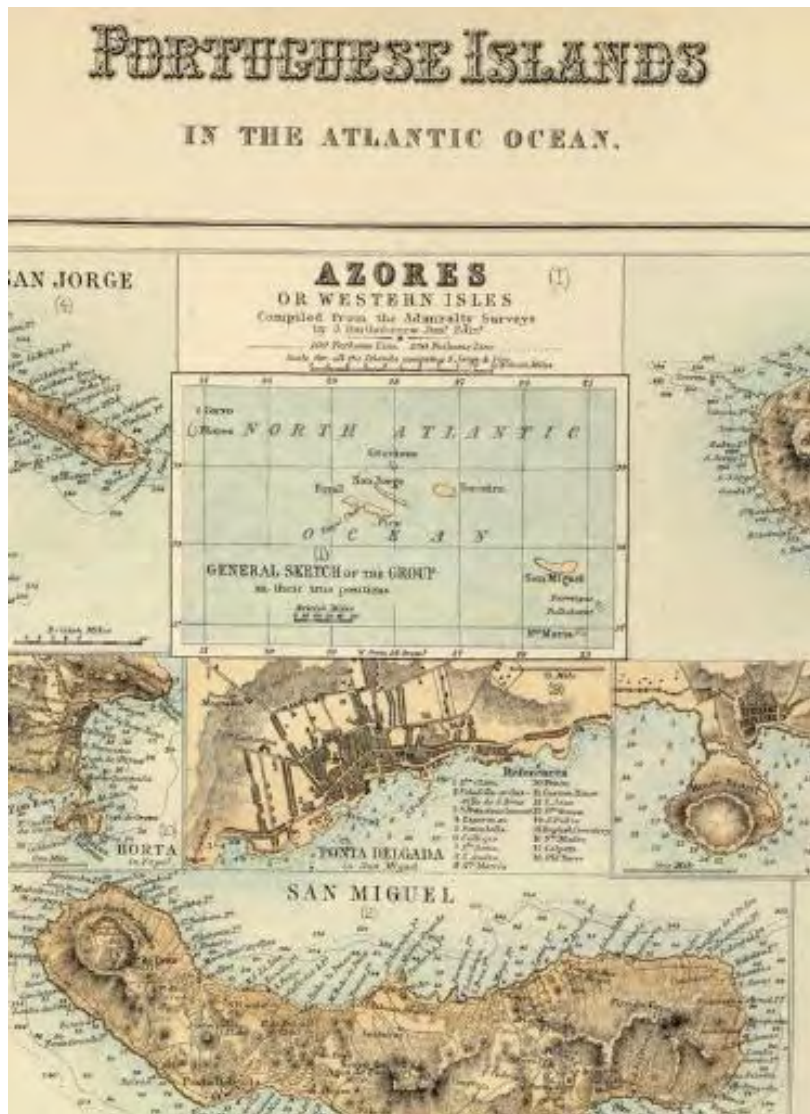
Portulano de autor português desconhecido, encontrado em Macau, anterior a 1630 com Islândia, Groenlândia e a ilha mítica "fantasma" Frislandia.



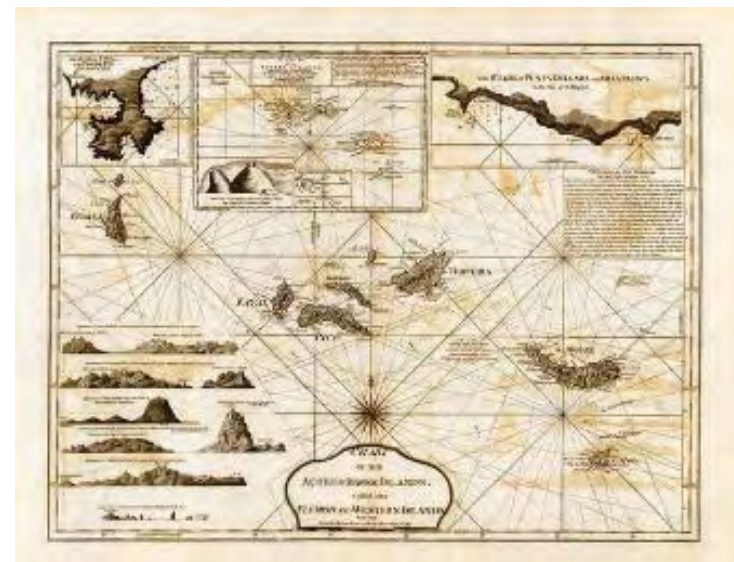
Covens and Mortier, c. 1720



Carta de 1755



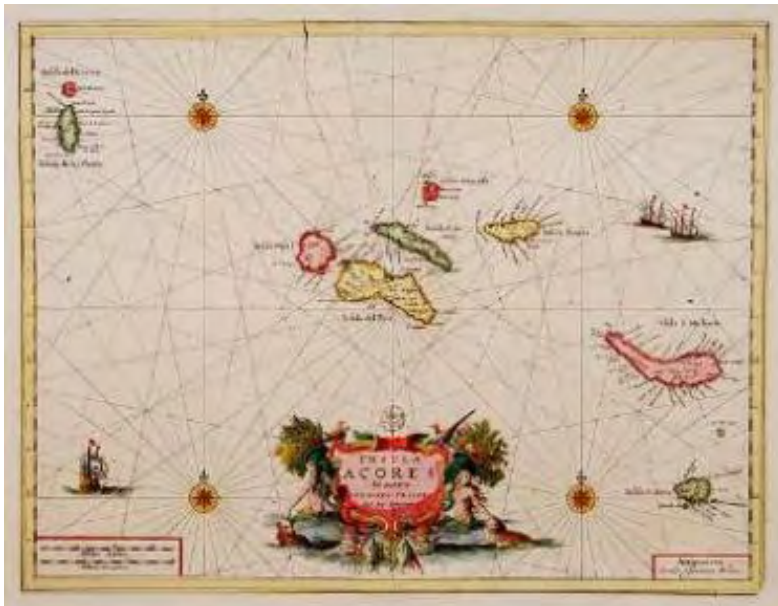
Mapa de 1876



Mapa de autor desconhecido 1787



Portulano de Mecia de Viladestes 1413



BLAEU J. *Insulae Açores delineante Ludovico Teisera.* [Azores



Mapa Tofino 1791



Autor e data desconhecidos 1779



Antigo mapa dos Açores 1787, mapa Português



Mapa do séc. XVII, com conhecimento total da geografia açoriana, e a denominação dos principais acidentes geográficos.



Carta náutica do séc. XIV



Museu do Peter's Café na Horta, Faial



Página anónima e irónica da descoberta das ilhas dos Açores



A southern oriented map of Atlantis from Athanasius Kircher's *Mundus Subterraneus*. It places the lost continent in the middle of the Atlantic Ocean between Europe and the Americas. One wonders whether Kircher acquired his design of the continent from an ancient source map



2. NOTA INTRODUTÓRIA

CHRYS CHRYPELLO

Editor, Cadernos de Estudos Açorianos

Presidente da Direção da AICL, COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

No 11º *Colóquio da Lusofonia* [Lagoa 2009, então denominado 4º Encontro Açoriano] decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos da UAç (criado e ministrado por Martins Garcia e, posteriormente, por Urbano Bettencourt em Ponta Delgada).

Concebemos e organizamos em Braga, na Universidade do Minho, um Curso Breve **AÇORIANIDADE(S) e INSULARIDADE(S)** com a colega Rosário Girão (25 set. 2010-14 fevº 2011) e até hoje, aguardamos uma associação com uma entidade universitária para que o curso possa ser dado em linha (online) para todo o mundo, com o nosso apoio e dos autores nossos parceiros revertendo os proventos de inscrição para a entidade universitária que queira apostar neste curso.

¹ Adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino (autor de *Narcose*, e que no meu caso pessoal tão bem me caracteriza

Depois de 2011 foi possível a vários alunos de mestrado e de doutoramento, na Universidade do Minho, na Roménia e Polónia, trabalharem autores açorianos, e traduzirem excertos em 14 línguas (francês, inglês, italiano, chinês, árabe, romeno, polaco, russo, búlgaro, alemão, neerlandês, flamengo, castelhano e catalão). Assim, alguns desses autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL-COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (www.lusofonias.net) uma publicação trimestral: os **CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita, que entendemos ser diferente, para não dizer única.

Foi em janeiro 2010 que brotaram estes despreziosos **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. São de especial interesse para escolas, universidades e para os amadores da literatura em geral e destinam-se a quem anseia descobrir a Açorianidade literária. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer essa AÇORIANIDADE LITERÁRIA¹ servindo de complemento aos currículos regionais e às várias Antologias de Autores Açorianos que a AICL-COLÓQUIOS DA LUSOFONIA já publicou².

Os Cadernos de Estudos Açorianos foram até 2016 uma publicação trimestral (ora anual e coordenada por Urbano Bettencourt) que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Reitera-se que não há qualquer critério-além da arbitrariedade-a definir a ordem de apresentação dos autores.

Além dos Cadernos Açorianos editamos, esporádica e aleatoriamente, os SUPLEMENTOS AOS CADERNOS AÇORIANOS que servem para transcrever

² Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos, Antologia (monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos, Coletânea de textos dramáticos de (5) autores açorianos, Antologia no feminino "9 ilhas, 9 escritoras"

textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até pelos próprios.

Acolhemos como premissa o conceito de Martins Garcia que admite uma literatura açoriana

«... Enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência».

A açorianidade literária (termo inicialmente cunhado por Vitorino Nemésio na revista *Insula* em 1932, em paralelo com a Hispanidad de Miguel de Unamuno), não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura, tais como a solidão, o mar, a emigração. Como escreveu J. Almeida Pavão (1988).

“ ... Assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da [Literatura] Continental”.

Assim, para nós [AICL-COLÓQUIOS DA LUSOFONIA], é Literatura de significação açoriana.

“...A escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem”.

A AICL-COLÓQUIOS DA LUSOFONIA entende que o rótulo comum de açorianidade abarca extratos diversos de idiossincrasias:

- Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;

- O dos insularizados ou «ilhanizados³» e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;

- Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.

Muitos dos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, **na Antologia monolingue** em 2012, na **Coletânea de Textos Dramáticos** de 2013, a que seguiu, em 2014, uma **Antologia no Feminino “9 ilhas. 9 escritoras”**.

Nos CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS já se publicaram mais de três dezenas de Cadernos (por esta ordem) dedicados a autores contemporâneos (a maioria deles presente nos colóquios da lusofonia):

Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Álamo Oliveira, Caetano Valadão Serpa, Machado Pires, Fernando Aires, Mário Machado Fraião, Emanuel Félix, Eduardo Bettencourt Pinto, Eduíno de Jesus, Onésimo Teotónio Almeida, Maria de Fátima Borges, Marcolino Candeias, Norberto Ávila, Victor Rui Soares, José Martins Garcia, Joana Félix, José Nuno da Câmara Pereira, Manuel Policarpo, Tomaz Borba Vieira, Maria das Dores Beirão, Maria Luísa Soares, Susana Teles Margarido, Madalena San-Bento, Carlos Tomé, Brites Araújo, Maria Luísa Ribeiro, Carolina Cordeiro, Pedro Paulo Câmara.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a EXTENSÍSSIMA bibliografia geral da açorianidade, compilada ao longo de sete anos (2010-2017). Incluímos nela todos os autores (açorianos residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais, ilhanizados, açorianizados ou não, que escreveram sobre autores e temáticas açorianas,

incluindo (por exemplo) Santa Catarina (Brasil), Canadá, EUA, Bermudas, Havai, etc.

Incluíram-se referências bibliográficas a histórias da diáspora, da colonização do Canadá, EUA, Brasil, da caça à baleia e tantos outros temas relacionados com a saga açoriana no mundo. Não se privilegiou a literatura, mas sim todos os ramos do saber sobre os quais se publicaram trabalhos, desde a biologia à botânica, à história, ciências sociais, etc.

A listagem abarca autores mais recentes da diáspora, de origem ou descendência açoriana e que dela se servem para a sua escrita. Adicionaram-se, em muitos casos, outros trabalhos destes autores bibliografados que podem nada ter a ver diretamente com os Açores, mas que dão a sua dimensão como autores. De uma forma geral estão aqui incluídos todos os trabalhos que já logramos identificar, direta ou indiretamente, sobre os Açores, seus temas e seus autores. Exaustiva é sem dúvida esta Bibliografia, ainda muito incompleta, iniciada por mim em 2010, mas decerto indicadora do que se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido sobre os Açores e seus temas, a autores, tradições, etc. Nem todos os trabalhos serão obras-primas ou relevantes, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Em 2017, o ICPD (João Paulo Constância), com o académico Rolf Kemmler da Academia de Ciências de Lisboa e UTAD, fizeram uma revisão metodológica aos dados desta Bibliografia antes de ser publicada em livro de 2 volumes, cujo primeiro sairá a público no 28^o *Colóquio da Lusofonia* em outubro 2017 e o segundo volume depois.

E para que esta obra seja apenas o começo do muito que falta fazer, façam minhas as palavras de Pedro da Silveira no longínquo ano de 1997:

3. *O LEGADO DE PEDRO DA SILVEIRA: Notas sobre autores açorianos cujas obras devem merecer edição, as inéditas, ou serem reeditadas condignamente⁴ **



Os dois mais antigos escritores açorianos de que tenho notícia são o terceirense D. Frei João Estaço (Angra. c. 1490-Valladolid. Espanha. 1553), que foi bispo de Puebla, no México, e só escreveu em castelhano e o micalense Rui Gonçalves, que foi lente da Universidade.

Do primeiro, não sei se a sua «*Relación de los progresos de la Cristiandad en el Nuevo Mundo*» se conservou e se o manuscrito está em algum arquivo ou biblioteca de Espanha. Não o encontrei nem a nenhum outro de sua autoria na Biblioteca Nacional de Madrid; mas não pude continuar a busca nem em Valladolid nem no Arquivo das Índias, em Sevilha. O segundo publicou «Privilégios e prerrogativas que o género feminino tem por Direito Comum e Ordenações do Reino mais que o género masculino» (Lisboa 1557; nova edição 1785) e «Memorial ao Rei (D. João III)» sobre os perdões (Lisboa. s.d.).

Natália Correia, que tinha a 2^a edição dos Privilégios, considerava esta obra, não sei com que razão, o mais antigo texto feminista em português, e quis reeditá-la. Por mim, acho de interesse reunir-se toda produção deste notável jurista, isto é, os dois títulos atrás referidos e mais inéditos, se acaso existem.

Serão ainda de considerar, dos quinhentistas, os jesuítas, Bento de Góis, cujas cartas, poucas embora, merecem uma edição autónoma e Padre

⁴ IN boletim 15- 2006 do Núcleo Cultural da Horta, <http://www.nch.pt/biblioteca-virtual/bol-nch15/n15-2.html#a> pp. 13-20.

Francisco Furtado, que também missionou no Oriente. Consta-me que deste segundo, natural do Faial, há inéditos importantes na biblioteca romana da Companhia de Jesus.

De Frei Diogo das Chagas (c. 1580-c. 1661) vale a pena publicar num livrinho a «Relação do que aconteceu na cidade de Angra, da Ilha Terceira», depois da feliz aclamação de El-Rei D. João IV, saído em 1858 n' O Panorama e depois no Arquivo dos Açores, mas nunca em edição autónoma.

Quanto aos já nascidos no séc. XVII, começo por D. Fradique Câmara Toledo (n. c. 1608), poeta, tradutor em verso da Eneida, autor teatral. A sua pouca poesia que conheço não é boa. do teatro, que desconheço, só direi que corre impressa a comédia «Babilónia de Amor». Foi amigo de D. Francisco Manuel de Melo.

O Padre Bartolomeu do Quental (1626-1698), com as «Meditações» e os dois volumes dos Sermões, merecerá, pelo menos, uma generosa Antologia, e Frei Manuel de S. Luís (1660-1736), autor das «Instruções Morais e Ascéticas» deduzida da vida e morte da Venerável Madre Soror Francisca do Livramento (Lisboa. 1731. 2 vols.), não me parece tão mau escritor como opina Inocêncio. Recentemente, ocupou-se dele numa *Conferência* o Dr. Manuel Cândido e não creio que o tenha feito só pela razão da conterraneidade.

Também menosprezado por Inocêncio foi o jesuíta micalense Padre António de Bettencourt (1679-1738), autor de «Sermões» (Lisboa 1739), que vale a pena reavaliar.

Ainda a ocupar-se de uma freira santa de S. Miguel há Francisco Afonso de Chaves e Melo (1685-1741), autor da «Margarita Animada» (Lisboa 1723). Esta obra, que inclui uma descrição de S. Miguel é realmente digna de republicação.

Autora inédita, cuja obra de poetisa e prosadora foi referida elogiosamente por Barbosa Machado, é Soror Catarina de Cristo, terceirense. Mas não sei se restam manuscritos do que escreveu, ao gosto do Barroco. Foi a nossa primeira mulher de letras.

Lembro mais, do começo de Seiscentos, Simão Estaço da Silveira, autor da «Relação Sumária das Cousas de Maranhão» (Lisboa 1624; novas edições: Rio de Janeiro 1874; Lisboa 1911; Boston 1929, esta em fac-simile). O ms. original está no Arquivo das Índias. Nos Estados Unidos há dele localizável, a cópia manuscrita de uma carta de 44 páginas cujo original está na British Library. Estes dois textos, como outros mais que porventura haja de Simão

Estaço, dão um livro decerto bem interessante, a julgar pela Relação. O historiógrafo Doutor Jorge Couto está indicado para se ocupar disto, bom conhecedor que é da vida e feitos de Simão Estaço.

E os inéditos filosóficos do Padre António Cordeiro?

Já do séc. XVIII, são de ter em conta alguns bons poetas:

- José Jácome Raposo, cuja obra, incluso uma ode inédita de que possuo cópia, dá um livrinho;

- Francisco Vieira Goulart, de quem se pode publicar a poesia e talvez outro livro de prosas este, com estudos e cartas eruditas localizados no arquivo da Câmara Municipal da Horta, na Academia das Ciências de Lisboa e, nesta mesma cidade, no Arquivo Histórico Ultramarino, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e, porventura, também no Instituto Histórico e Geográfico da mesma antiga capital do Brasil; e

- José António de Camões, este a carecer de uma edição limpa do «Testamento de D. Burro», a que se acrescentariam «Os Sete Pecados Mortais» e os sonetos que vêm em Drummond e Silveira Avelar.

São ainda de ter em mente:

- D. Frei Alexandre da Sagrada Família, cuja obra, poesia e prosa, deverá ser publicada sob a responsabilidade da Doutora Ofélia Paiva Monteiro, de Coimbra; Bento Luís Viana, de quem as «Poesias» (Paris. 1821), um belo livro, são de reeditar, com um bom prefácio biográfico e crítico; e

- José Augusto Cabral de Melo, autor de uma obra muito vasta, em parte dispersa, que deverá ser reavaliada, além de se lhe reimprimir na íntegra as «Poesias Líricas». Lembro, já agora, que este seu livro, de 1834, foi o primeiro de um poeta que se imprimiu nos Açores, o que aconselhará a reedição fac-similar. Aliás, o livro até é graficamente bonito.

- Neoclássico tardio é António Moniz Barreto Corte Real, prosador de quem merece reedição o livro Belezas de Coimbra, ao qual se juntariam textos como «Uma Festa do Espírito Santo» (saído em 1842 n' O Anunciador da Terceira onde o autor também publicou umas curiosas «Misérias Políticas» de valor autobiográfico). de António Moniz Barreto haverá mais textos na imprensa angrense dignos de salvamento.

E lembro mais dois pedagogistas seus coevos:

- Os padres Jerónimo Emiliano de Andrade, com a «Topografia da Ilha Terceira» pelo menos, e

- João José do Amaral, de quem há escritos deveras interessantes que valia a pena compilarem-se. Deste li há anos um texto que o faz outro precursor, com António Moniz Barreto, dos estudos etnográficos.

Passando aos já românticos do séc. XIX, começo pelo mais velho,

- António de Lacerda Bulcão (n. 1817). A sua «col. de Romances Originais» ficou longe de incluir toda a obra narrativa que fora publicando em jornais da Horta e, eventualmente, Ponta Delgada (por ex. A Persuasão). Uma Antologia que junte ao melhor dos três volumes da col., outros contos e novelas dos mais de 50 que permanecem dispersos, é de se considerar.

Nas «Notas Açorianas» de Ernesto Rebelo e nos Literatos dos Açores de Urbano de Mendonça Dias temos dois títulos dos dispersos, alguns posteriores à edição da coleção.

Outro dos nossos românticos mais velhos, digno de atenção

- Miguel Street de Arriaga (n. 1827). Impõe-se rever o seu teatro, sobretudo localizar, na imprensa da Horta, a comédia de costumes «Uma Lição de Guitarra». Com a poesia «O Canto do Baleeiro», esta comédia coloca o seu autor na primeira linha dos escritores açorianos atentos à realidade do meio.

- E pelo que toca à poesia, não seria de descurar a recolha do melhor da obra do terceirense Azevedo Cabral (1828-1917).

- José de Torres (1827-1874) é outro escritor a considerar, com os 2 volumes das «Lendas Peninsulares» e, principalmente, a recolha dos ensaios críticos (dispersos por jornais de Lisboa dos quais Inocêncio dá uma relação, talvez não completa).

- J. Borges de Macedo considerava Torres um dos maiores ensaístas portugueses do seu tempo. Pensava ter sido ele quem primeiro empregou em Portugal a designação Ensaio, o que não é certo, pois alguns anos antes já a usara outro açoriano, o árcade tardio Tibúrcio António Craveiro (1800-1844) no seu «Ensaio acerca da Tragédia» (1837), talvez reeditável, acaso juntamente com o «Discurso acerca da Retórica» (1842), obra esta que não conheço, mas que existirá na Biblioteca Pública de Angra.

- Ernesto Rebelo (n. 1842), romântico ainda, no fim da vida tangencialmente realista, merece que lhe reeditem as Notas Açorianas e se considere a possibilidade de uma recolha seletiva das narrativas que deixou dispersas na imprensa açoriana e de Lisboa (pp. ex. «A Revolução de Setembro»).

A geração seguinte, já realista e, na poesia, parnasiana, cito:

- Florêncio Terra,

- Manuel Zerbone

- Rodrigo Guerra, todos três contistas.

- dos poetas: Garcia Monteiro.

O primeiro tem sido muito mal publicado, necessitando de uma nova recolha dos seus contos, verdadeiramente seletiva; retomando o melhor do já recolhido. Bem melhor, a meu ver, é Rodrigo Guerra, de quem se deve reeditar «A Americana». Quanto a Zerbone, publicou-lhe a Câmara Municipal da Horta um primeiro caderninho com crónicas d'O Açoriano. Impõe-se publicá-las na totalidade e, à parte, os seus contos e os poemas em prosa. Discípulo, nos poemas em prosa, de Aloysius Bertrand e de Baudelaire, é uma das figuras mais interessantes da literatura açoriana do seu tempo. Quanto a Garcia Monteiro, de quem há pouco se publicou, em Lisboa, uma Antologia, impõe-se a republicação integral das «Rimas de Ironia Alegre» (Boston. 1896). Além disto, deve encarar-se a publicação em livro das «Cartas da América», saídas na prestigiosa Gazeta de Noticias do Rio de Janeiro e, algumas delas, reproduzidas n'O Açoriano. A este livro juntar-se-ia o melhor dos artigos que depois deu a vária imprensa de Lisboa e das ilhas.

Uma boa seleção das crónicas e contos-crónicas de Câmara Lima, já em tempos aventada por Vitorino Nemésio, é outra proposta que adianto. Cheguei a sugeri-la, sem obter resposta, ao Sr. Dr. António Maria Mendes, que também não me deu saída, sendo secretário regional da Cultura.

Quanto a Faustino da Fonseca e Alfredo de Mesquita, com os romances, do primeiro. Os «Bravos do Mindelo», do segundo, «A Rua do Ouro». A despeito dos títulos ambos são passados em ambiente açoriano (a cidade de Angra). de Alfredo de Mesquita só consegui a publicação, pareceu-me que um tanto contra vontade, d'O Jarrão da Índia.

- Manuel António Lino, poeta menor de Edelweisse e Kodaks, vale sobretudo pela boa peça de teatro regional de costumes «Os Ratos». Começou a publicar-se na revista Os Açores (com ilustrações de Domingos Rebelo). O texto completo encontra-se em Ponta Delgada, no espólio de Armando Côrtes-Rodrigues.

- José de Lacerda merece a reedição da «Flor de Pântano» (1891), que deve levar em apêndice os dispersos dos livros seguintes, anunciados, mas nunca publicados («Lupercais» e «Bíblia Íntima»), bem como as suas traduções de poesia (Heine e não sei quem mais). Não é improvável que no

espólio de seu irmão, o músico Francisco de Lacerda, também haja versos de José de Lacerda.

Tornando um pouco atrás, impõe-se também considerar os casos de alguns escritores não propriamente da literatura, como por ex.

- o antropologista Arruda Furtado, cujas obras completas são de editar condignamente,

- e o etnólogo Armando da Silva, este com uma vasta obra dispersa e que tem vindo a ser pilhada por pseudo-investigadores, como o padre Ernesto Ferreira.

- E há mais Eugénio Pacheco, de cujos dispersos creio poder tirar-se o que dê um livro, de textos não envelhecidos.

- Enfim, recuando até aos românticos temos João Teixeira Soares, com os seus muitos artigos dispersos n'Ó Jorgense e n'Ó Velense, os quais também vêm sendo pastagem para aproveitadores do trabalho alheio.

Retomando o fio interrompido após referir José de Lacerda, os simbolistas propriamente ditos: Duarte Bruno e Carlos de Mesquita.

- A poesia de Bruno (1868-1950) ficou dispersa. de notar que ele foi, entre os simbolistas portugueses, com Eugénio de Castro, um precursor do emprego do verso livre. A sua obra saiu em jornais de Ponta Delgada e de Lisboa.

- Carlos de Mesquita (1870-1916) foi crítico e ensaísta, também poeta e ficcionista. A sua obra dá quatro volumes: um de poemas originais e traduzidos, ao qual se juntariam um fragmento de romance («O Estrangeiro») e dois ou três contos; outro de críticas e ensaios dispersos; mais outro com «As Origens do Romantismo Inglês»; enfim, uma reunião do seu epistolário, que em parte colecionei.

De tudo há, no meu espólio entregue já à Biblioteca Nacional bastantes materiais reunidos da obra deste autor, ou indicações bibliográficas. À recolha da poesia original e traduzida e da ficção, cheguei a dar título: Poemas & Ficções. (Na DRAC do tempo de Mota Amaral não me pareceu que interessasse.)

Ainda simbolista, embora um tanto tarde, merece atenção Bernardo Maciel (1874-1917). da sua obra inédita pode tirar-se, feita uma seleção rigorosa, um livrinho de boa qualidade. Em 1977 os manuscritos encontravam-se no espólio de Armando Côrtes-Rodrigues.

Luís-Francisco Bicudo (1884-1918), o primeiro tradutor em português do «Manifesto Futurista» de Marinetti, deixou nas páginas do *Diário dos*

Açores muitos artigos críticos, contos e poesias. de tudo isso podem tirar-se: dos artigos, um livro de boa qualidade; da poesia, devidamente selecionada, um pequeno livro de valor não desprezível, em especial o já ao gosto vitalista.

E a Bicudo segue-se outro suicida: João de Matos Bettencourt (1889-1915). A sua poesia não tem interesse, mas o pequeno livro de contos «Alma em Pedacos», datado de 1914, mas saído já depois de morto o autor, merece republicação. (Há um exemplar deste livro, bastante raro, na Biblioteca Pública de Angra, único que até hoje pude ver.)

Duarte de Viveiros (1897-1937), poeta que em Lisboa andou na roda dos primeiros modernistas, como Montalvor, Guisado e Albino de Meneses, merece que lhe reeditem a Obra Poética. Impõe-se acompanhá-la de um prefácio por quem saiba situá-lo devidamente.

Agora a geração que é a de Vitorino Nemésio. Dois autores são de ter em primeira conta:

- Diogo Ivens, com os seus contos dispersos ou inéditos e talvez uma recolha de ensaios, e

- Maduro Dias, de quem os contos continuam por publicar em livro – um livro que, mesmo pequeno, vale a pena.

- E porque não reeditar-se a «Eira de Pecados» de Armando Cândido? O estado novista fanático que ele foi já não incomoda - a mim pelo menos. Não sei se chegou a reunir os contos que pretendi publicar sob o título *Leiva*.

- Lembro mais Dinis da Luz, às vezes um apreciável contista.

São já da minha geração Armando Rocha (n. 1918), Carlos Wallenstein (1925-1990) e Otilia Frayão (n. 1927). O primeiro e a última são vivos, mas não é provável que procurem publicar-se, como se impõe. Ambos terão pouca obra, mas em ambos os casos significativa. Os 14 poemas que tinha em meu poder de Otilia Frayão estão agora nas mãos de Urbano Bettencourt. de Carlos Wallenstein sei que há inédita, uma obra bastante vasta, de poeta e dramaturgo. Guarda-a a viúva, Dr.^a Maria do Bom Sucesso.

Voltando à geração de Vitorino Nemésio, temos

- Alfredo Lewis-Alfredo Luiz (como ele se assinou primeiro. ainda escrevendo em português. antes e depois de emigrar). Impõe-se passar ao vernáculo os seus dois romances «*Home Is an Island*», este publicado,

e «*Fifty Acres and a Barn*»⁵, inédito, e os contos. Mas a tradução terá de ser açorianizada na linguagem, como o autor pretendia e cheguei a fazer para um conto, que ele depois reviu e aprovou.

Além de Alfredo Luiz, temos Mathilde do Canto e o seu romance, de ambiente micalense, Dona Josefa, em francês e precedido de uma carta prefácio de Romain Rolland. Também deste romance a tradução deve ser conforme com o nosso português, embora sem cair no dialetal.

Traduções

Do Príncipe Alberto de Mônaco deve promover-se a tradução de «*La Croisière d'un Navigateur*»⁶). Também seria do maior interesse uma Antologia do que escreveram sobre os Açores, em especial nos sécs. XVIII e XIX, escritores viajantes de várias línguas, europeus e americanos. Entre esses escritores nem faltam russos, como Goncharov, e escandinavos, que praticamente desconhecemos. Para os escandinavos até podemos contar com Manuel Machado, que os traduziria do original, dos italianos que escreveram sobre os Açores desde o séc. XVI sabemos, mas não assim de espanhóis, que decerto também haverá. António de Herrera, do séc. XVI, Tofino de San Miguel, do séc. XVIII, com o seu «*Derrotero*», do qual não vejo que se tire, não senão tudo, antes do que traduzi de Juan Ramón Jiménez.

Lisboa, dez. 97 - Pedro da Silveira

P. S. - Há sempre alguma coisa que esquece no momento final, embora antes estivesse em mente. Aí vai.

de Teófilo Braga são de considerar:

- 1.º uma nova edição dos «*Contos Fantásticos*», precedidos de um estudo;
- 2.º, a recolha dos seus dispersos que complementam os «*Cantos Populares*».

- Augusto Loureiro está longe, parece-me, de ser um bom ficcionista. Mas, mesmo assim, deve fazer-se uma releitura das suas duas coletâneas de

⁵ Como no original de P. da S. Esta obra foi editada pelo Centro de Cultura e Estudos Portugueses da Universidade de Dartmouth. Massachusetts, dirigido por Frank Sousa, em 2005, com o título *Sixty Acres and a Barn* (N. do E.).

contos, «*À Beira-Mar*» (1868) e «*Serões de Inverno*» (1876), além de se ver o que depois dispersou na imprensa (p. ex. *A Atualidade*), a ver se é recuperável numa pequena Antologia. Com o primeiro livro foi de algum modo um precursor.

- Dos poetas sem livro não quero deixar de acrescentar um nome importante: José Botelho Riley (1857-1923). do que publicou em jornais de Ponta Delgada, geralmente assinando com iniciais, ou aí lhe publicaram postumamente (no *Correio dos Açores*), tira-se um livro de qualidade, entre parnasiano e pré-simbolista (como o seu amigo António Feijó).

Voltando mais uma vez atrás, temos ainda

- Vicente M. de Faria e Maia (1838-1917), autor de dois romances históricos não despidiendos: *Beatriz e Cavaleiros de África*.

- A obra filosófica de seu irmão Francisco, que foi amigo de Antero, parece não estar perdida, e que o manuscrito da *Filosofia do Direito* está em poder dos herdeiros de Luís Cabral de Moncada, em Coimbra ou Lisboa.

Nota do editor: O leitor poderá encontrar nestas “Notas” algumas imprecisões, nomeadamente nos títulos das obras referidas.

4. NEMÉSIO: AÇORIANIDADE



⁶ Como no original de P. da S. Do livro *La carrière d'un Navigateur* (N. do E.).



por essas ilhas «a qual sempre e por vários modos nele tende a resolver-se por escrito»: e, como de resto se pode ver nesta exposição, a preocupação de Nemésio de resolver pela escrita as suas preocupações de escritor em busca das suas raízes revelou-se extremamente produtiva, não só através da obra terminada e publicada – onde pontificam títulos fundamentais como Corsário das Ilhas, Festa Redonda ou Mau Tempo no Canal –, como também em diversos textos inacabados em que Nemésio, ao longo de toda uma brilhante carreira de escritor e de académico, procurou glosar a sua própria infância e adolescência na Ilha, numa tentativa de ouvir o mar num búzio».

Na obra de Nemésio, como num búzio, ouvimos a açorianidade.

Carlos César.

Presidente do Governo Regional dos Açores. 2001.

Nunca será de mais afirmar que os Açores de hoje, com a nossa Cultura e com a Autonomia política que em grande parte nela se fundamenta, seriam muito diferentes sem Vitorino Nemésio. de facto, este grande escritor português de vocação europeia., mas nado e criado nos Açores, foi quem melhor sintetizou, no conjunto da sua obra literária, o produto histórico de cinco séculos de vivência humana em meio de mar e de solidão, de vulcões e de tempestades, que ele um dia designou por açorianidade e que nós, irremediavelmente, identificamos como a nossa alma: para Nemésio – e para nós, açorianos, através das palavras dele – “a geografia «vale outro tanto como a história [...]”.

Como as sereias temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar». Como escritor e como açoriano. Nemésio assumiu esta dupla natureza do ilhéu e dela nos deixou memória escrita – levado, como ele próprio escreveu no Corsário das Ilhas, por uma preocupação natural do seu espírito



Libro del conocimiento 1345 e Saudades da Terra do Dr Gaspar Fructuoso (1522-1591)





BIBLIOGRAFIA AICL-COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

1. **Antologia bilingue de 15 autores açorianos contemporâneos.** 2011. Helena Chrystello e Rosário Girão (coord.). trad Chrys Chrystello. DRComunidades, AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras. 2011 [ISBN 978 975 8985 561]
2. **Antologia monolingue de 17 autores açorianos contemporâneos.** 2012, Helena Chrystello e Rosário Girão. 2012. (coord.) **2 vols.** DRCultura, AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras. Vila Nova de Gaia. [ISBN 978 972 8985 660]
3. **Antologia Coletânea de textos dramáticos açorianos,** 2013, Helena Chrystello e Lucília Roxo (coord.), DRCultura, AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras. Vila Nova de Gaia. [ISBN 9789728985837]
4. **Antologia no feminino 9 ilhas. 9 escritoras.** 2014. Helena Chrystello e Rosário Girão (coord.) DRCultura, AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras. 2014 [ISBN 9789728985905]
5. Chrystello. J. Chrys. 2011. **Crónica Açores: Uma Circum-Navegação,** de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, vol. 2. AICL,

Colóquios da Lusofonia, ed. Calendário de Letras. Vila Nova de Gaia. 2011 [ISBN 978 728 985547]

6. Chrystello. J. Chrys. 2012, **Crónica do Quotidiano Inútil**, poesia, vols. 1 a 5, obras completas. 40 anos de vida literária. DRCultura, AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras. Vila Nova de Gaia [ISBN 978 972 8985 646]

7. Chrystello, J. Chrys, 2017 **Bibliografia Geral da Açorianidade da AICL em 2 volumes**, DRCultura, AICL, *Colóquios da Lusofonia ed.* Letras Lavadas

NB: ORTOGRAFIA:

DADO HAVER INÚMERAS ORTOGRAFIAS OFICIAIS EM PORTUGAL E NO BRASIL, A AICL CONVERTEU E UNIFORMIZOU, PARA O AO1990, TODOS OS ESCRITOS POSTERIORES A 1911, INCLUINDO TÍTULOS DE OBRAS. A CAÓTICA ORTOGRAFIA ANTERIOR A 1911 FOI MANTIDA SEMPRE QUE POSSÍVEL.



Em face do trabalho de recolha da Bibliografia Geral da Açorianidade (19 mil entradas à data) - que há 7 anos vimos compilando e ora foi para impressão em Livro com dois volumes - tornava-se necessário proceder a uma atualização dos Cadernos de Estudos Açorianos e dos Suplementos.

Trata-se de um instrumento útil, de descarga gratuita, para utilização pelas instituições de ensino e todos os amantes e iniciados na literatura de matriz açoriana.

Assim, estão já revistos e atualizados todos os números, tendo sido acrescentados mais 30 Suplementos.

Nem sempre a numeração dos SUPLEMENTOS equivale à dos CADERNOS.

Estão todos disponíveis em <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html#>

CADERNO 0 INTRODUÇÃO	SUPLEMENTO 0 ANABELA MIMOSO
CADERNO 1 CRISTÓVÃO DE AGUIAR	SUPLEMENTO 1 CRISTÓVÃO DE AGUIAR I
CADERNO 2 DANIEL DE SÁ	SUPLEMENTO 2 DANIEL DE SÁ I
CADERNO 3 DIAS DE MELO	SUPLEMENTO 3 DIAS DE MELO I
CADERNO 4 VASCO PEREIRA DA COSTA	SUPLEMENTO 4 VASCO PEREIRA DA COSTA I
CADERNO 5 ÁLAMO OLIVEIRA	SUPLEMENTO 5 ÁLAMO OLIVEIRA I
CADERNO 6 CAETANO VALADÃO SERPA	SUPLEMENTO 6 MACHADO PIRES
CADERNO 7 FERNANDO AIRES	SUPLEMENTO 7 FERNANDO AIRES I
CADERNO 8 MÁRIO MACHADO FRAIÃO	SUPLEMENTO 8 ANTHONY DE SÁ
CADERNO 9 EMANUEL FÉLIX	SUPLEMENTO 9 NATÁLIA CORREIA
CADERNO 10 EDUARDO BETTENCOURT PINTO	SUPLEMENTO 10 EDUARDO BETTENCOURT PINTO I
CADERNO 11 URBANO BETTENCOURT	SUPLEMENTO 11 URBANO BETTENCOURT
CADERNO 12 EDUÍNO DE JESUS	SUPLEMENTO 12 ADELAIDE FREITAS
CADERNO 13 ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA	SUPLEMENTO 13 ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA
CADERNO 14 MARIA DE FÁTIMA BORGES	SUPLEMENTO 14 ALMEIDA PAVÃO
CADERNO 15 MARCOLINO CANDEIAS	SUPLEMENTO 15 ANTERO DE QUENTAL
CADERNO 16 NORBERTO ÁVILA	SUPLEMENTO 16 NORBERTO ÁVILA
CADERNO 17 VICTOR RUI DORES	SUPLEMENTO 17 VICTOR RUI DORES
CADERNO 18 JOSÉ MARTINS GARCIA	SUPLEMENTO 18 JOSÉ MARTINS GARCIA
CADERNO 19 JOÃO DE MELO CANCELADO a pedido do autor	SUPLEMENTO 19 JOÃO DE MELO
CADERNO 20 JOANA FÉLIX	SUPLEMENTO 20 CECÍLIA MEIRELES
CADERNO 21 JOSÉ NUNO DA CÂMARA PEREIRA	SUPLEMENTO 21 MADALENA FÉRIN
CADERNO 22 MANUEL POLICARPO (VASCO P DA COSTA)	SUPLEMENTO 22 VASCO PEREIRA DA COSTA II
CADERNO 23 TOMAZ BORBA VIEIRA	SUPLEMENTO 23 DANIEL DE SÁ II
CADERNO 24 MARIA DAS DORES BEIRÃO	SUPLEMENTO 24 CRISTÓVÃO DE AGUIAR II
CADERNO 25 MARIA LUÍSA SOARES	SUPLEMENTO 25 DIAS DE MELO II
CADERNO 26 SUSANA TELES MARGARIDO	SUPLEMENTO 26 EDUARDO BETTENCOURT PINTO II
CADERNO 27 MADALENA SAN-BENTO	SUPLEMENTO 27 FERNANDO AIRES II

CADERNO 28 CARLOS TOMÉ	SUPLEMENTO 28 ÁLAMO OLIVEIRA II
CADERNO 29 BRITES ARAÚJO	SUPLEMENTO 29 ANTONIO TABUCCHI
CADERNO 30 MARIA LUÍSA RIBEIRO	SUPLEMENTO 30 A. CÔRTEZ-RODRIGUES / VIOLANTE DE CYSNEIROS
CADERNO 31 CAROLINA CORDEIRO	SUPLEMENTO 31 KATHERINE VAZ
CADERNO 32 PEDRO PAULO CÂMARA	SUPLEMENTO 32 CARLOS FARIA
	SUPLEMENTO 33 MANUEL MACHADO
	SUPLEMENTO 34 RAUL BRANDÃO
	SUPLEMENTO 35 AÇORIANOS EM MACAU
	SUPLEMENTO 36 AÇORIANOS EM TIMOR
	SUPLEMENTO 37 AÇORES VISTOS POR ESTRANGEIROS
	SUPLEMENTO 38 TEÓFILO BRAGA
	SUPLEMENTO 39 VITORINO NEMÉSIO
	SUPLEMENTO 40 CARLOS WALLENSTEIN
	SUPLEMENTO 41 PEDRO DA SILVEIRA